

# "Aquilo tudo ficou lavado de sangue"

**Na Vila Planalto, nos dias seguintes ao caso, seu Cabeça ouviu os relatos de uma chacina no canteiro de obras**

Morador da Vila Planalto, Antônio Amâncio Filho, mais conhecido como seu Cabeça, tem 67 anos. Vivia ali já na época do massacre. No dia seguinte à ação da GEB, ouviu o relato de sobreviventes sobre a noite de horrores. Armados com revólveres e metralhadoras, segundo ele, a força policial atirou nos operários. No escuro, houve correria e gritos, confusão que não faria cessar a truculência policial. No claro, com as luzes acesas, a agressão continuaria com cacetetes e outros objetos.

"Aquilo ficou lavado de sangue", conta seu Cabeça. Nunca foi possível afirmar, com precisão, o número de pessoas mortas no incidente. Rastros dessa história abafada, riscada dos livros escolares e emudecida nos discursos oficiais, apontam para uma tragédia de grandes proporções. Nos relatos que

atravessaram décadas, uns falam em oito operários mortos. Outros descrevem um chacina, com o fuzilamento de 87 pessoas.

**VALA COMUM** - Os corpos teriam sido retirados do local com o auxílio de uma escavadeira e de um caminhão-basculante. Muitos ainda agonizando por causa dos ferimentos. "O caminhão saiu daqui cheio de defunto. Se existe carnificina foi aquilo, não gosto nem de me lembrar", lembra Amâncio. Essa contagem mórbida ficou restrita ao motorista que removeu os mortos e a alguns policiais da Guarda Especial. Uma vala comum, escavada em algum ponto do cerrado, tornou-se o local do sepulcro - nunca foi encontrada.

Outro mistério revestido de polêmica. A cova coletiva teria sido aberta na antiga

*"O caminhão saiu daqui cheio de defunto. Se existe uma carnificina foi aquilo. Não gosto nem de lembrar"*

Antônio Amâncio, que há 45 mora na Vila Planalto, sobre o dia seguinte à tragédia

Vila Amauri, acampamento hoje submerso pelas águas do Lago Paranoá, ou sob o estacionamento do Congresso Nacional. Fala-se, ainda, em um ponto ermo de Planaltina, naquela época de difícil acesso. Mas seu Cabeça indica, convicto e com a bússola da intuição, um outro local. "Eles foram enterrados na Granja do Torto. Por isso, nunca permitiram nenhuma construção por ali."

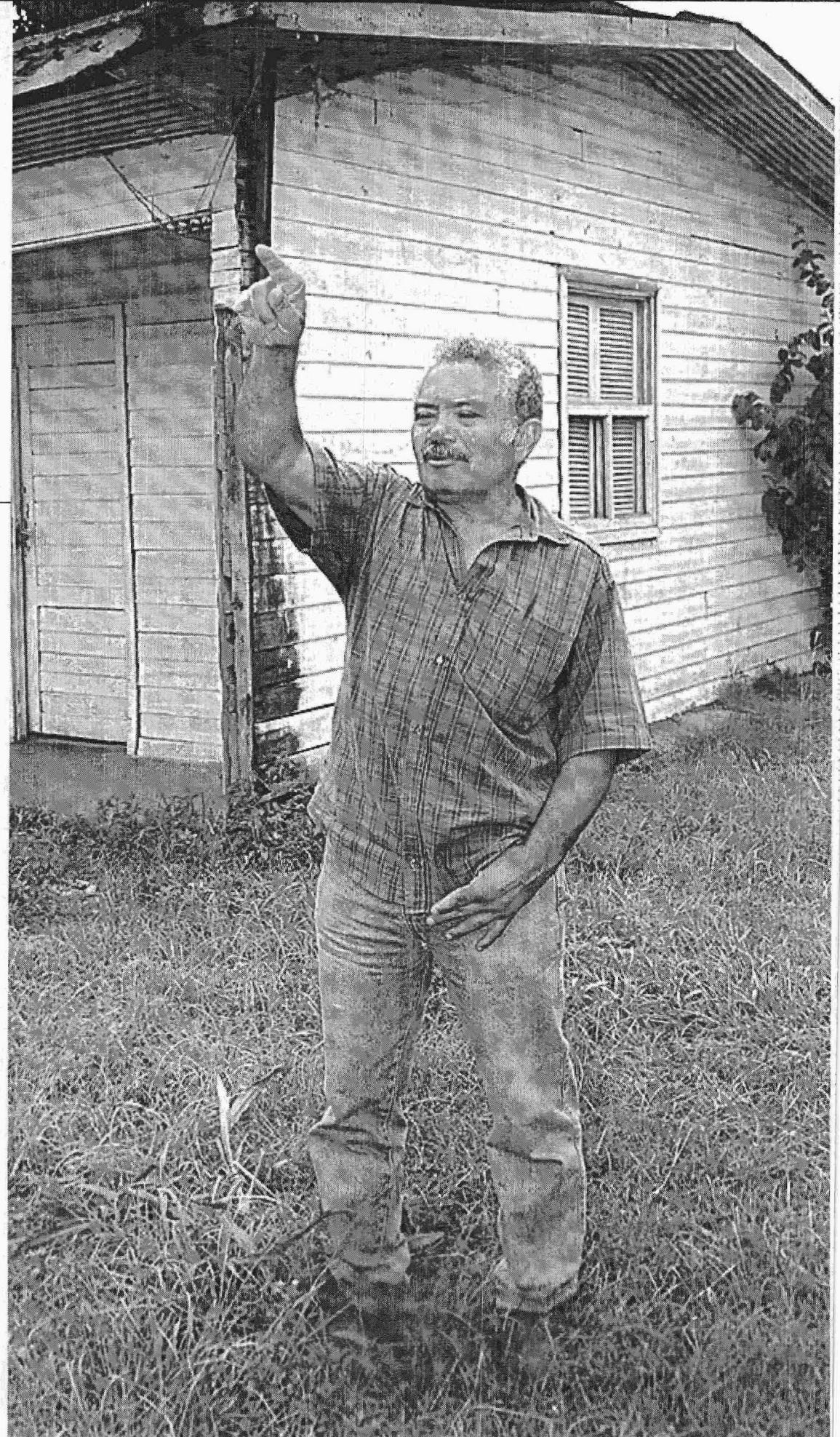
## TRAGÉDIA ANUNCIADA

"Foi a dita companhia americana que fez a montagem da estrutura do 28, esse prédio do Congresso. Eles (os trabalhadores) tinham de andar em cima de vigotas de ferro. Quando a sirene tocava, inclusive, é que tinha caído um. Toda hora que a sirene tocava, a não ser na hora do almoço, ou no término do trabalho, ou pra pegar no serviço, é que tinha caído um. Caiu muita gente aí, morreu muita gente. Não era igual agora, que tem segurança. O negócio era assim, no chute! Pra dizer a verdade, eu, como apontador, cheguei a usar Preventim (estimulante) pra aguentar dia e noite trabalhando. Na Rodoviária, tinha gente que pegava tarefa de 100 horas e fazia num dia"

Gabriel Balbino Nogueira, em depoimento dado aos pesquisadores do Necôim da UnB, entre os anos de 1992 e 1993, sobre as árduas jornadas em Brasília

"Naquele tempo, não tinha prevenção nenhuma. Na construção do 28 (o prédio do Congresso Nacional) mesmo, vi muita gente morrer. Lá em cima, a gente andava sem nenhum tipo de proteção, diferente das obras que são feitas hoje em dia. Uma vez, um colega que estava no andar de baixo foi bater a marreca nos ferros, perdeu o equilíbrio e foi bater lá embaixo. A pancada foi tão grande que os olhos do peão saltaram longe. O mesmo aconteceu com o soldado das botas do operário. Num dia eu ia caindo também ao me apoiar numa escorria solta. Só pode ter sido Deus quem me salvou"

Antônio Amâncio Filho, seu Cabeça, ao descrever o dia-a-dia da peãozada nos quase quatro anos de construção de Brasília, ritmo acelerado à medida que se aproximava a data de inauguração da cidade



## A TROUXA SEM DONO E O COMUNISTA FICHADO

■ Lavadeira à época da construção de Brasília, e com clientes na Pacheco Fernandes, Suzana Conceição Mendonça - já falecida - declarou a pesquisadores da UnB que, em 9 de fevereiro, um dia depois do massacre, foi ao canteiro de obras da construtora entregar as roupas dos peões. Não encontrou ninguém.

■ Heitor Silva, então presidente do Sindicato dos Operários de Brasília, enviou ao ministro da Juventude, telegramas denunciando o fato e cobrando explicações. As negativas ao fato ficaram a cargo do coronel Osmar Soares Dutra, do Departamento de Polícia, que classificou Heitor de "comunista fico

